

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, Nº13 - AGOSTO - PORTO VELHO, 2001
VOLUME I

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

13



O MENINO DO BURRO AMARRADO

ABEL SIDNEY DE SOUZA



Abel

Professor de Sociologia
abelsidney@bol.com.br

O menino do burro amarrado

- Deixa de manha, menino!

- Não é manha, não, mãe!

- E o que é então?

- Eu não sei...

- Você está é com o burro amarrado! Pode parar com isso, senão vai ficar de castigo a tarde toda. Vamos!

O menino ficou por ali, resmungou, limpou suas lágrimas (de crocodilo, dizia a mãe) e silenciou.

O avô do menino, que morava ao lado de sua casa, apareceu mais tarde para vê-lo. A mãe, sem paciência, disse:

- O seu neto está passando dos limites! Se você ouvir uns gritos, não adianta vir aqui para protegê-lo, pois ele vai apanhar mesmo!

O menino, neste exato momento, apareceu correndo, abraçou o avô e anunciou:

- Não se preocupe, vô. Eu já desamarrei o burro!

Sogro e nora riram do menino, que continuou contando sua façanha:

- Eu nem precisei pular o muro. Passei pela fresta, corri lá e soltei o pobre do bicho!

A mãe, atônita:

- O quê??

O avô, adivinhando o que acontecera, guardou o seu sorriso e fazendo-se de sério, perguntou:

- Não vai me dizer que o senhor soltou o jumento do carroceiro?

E o menino muito tranqüilo:

- Mas o bicho não é um burro? Eu pensei que fosse, vô! E agora? Mas jumento e burro não é *quase* a mesma coisa?

A mãe do menino ameaçou juntá-lo pelas orelhas, no que ele foi salvo pela intervenção do avô, conciliador:

- Olha, Terezinha, o menino tomou as coisas ao pé da letra. Vou resolver isso lá com o seu Nicanor. Eu levo ele comigo, para pedir desculpas.

E lá foram avô e neto para a casa do carroceiro. O homem estava arrumando a carroça, quando chegaram. O avô contou o ocorrido e todos acharam graça da estripulia do menino. Por fim, seu Nicanor informou que o jumento não estava longe. Tinha sido visto pastando num quintal próximo e o seu filho já tinha ido buscá-lo. Mas uma coisa seu Nicanor desejava saber: o que passou pela cabeça do menino ao soltar o seu jumento? O menino, sem rodeios, respondeu:

- Não passou nada! Talvez um pouco de vento por cima do meu cabelo! Eu passei foi pelo muro e vim desamarrear o burro, senão ficava de castigo!- E você não sabia que desamarrear o burro é apenas um **modo de dizer**? Perguntou o avô.

- Saber eu sabia, mas não custava nada soltar de verdade o pobre do burro, que eu vejo sempre preso, sem ter culpa de nada! O que ele fez para ficar preso? Só merece ficar preso quem faz alguma coisa errada!

Seu Nicanor achou graça nas respostas do menino, mas emendou:

- E você não sabe que os animais precisam de cuidados? Se eu deixar ele solto por aí, os outros abusam dele. Sobem em cima, jogam pedra... Ele preso está mais seguro.

O menino continuou:

- Eu sei. É por isso que eu ainda não soltei os passarinhos da minha avó. Mas bem que eu tenho vontade! Ela diz que os seus passarinhos são todos de gaiola, mas eu não acredito muito nisso não...

O avô, desta vez, interveio:

- Você está dizendo que sua avó mentiu para você?
- Não, vô, eu não disse que ela *mentiu*. Eu disse apenas que eu não acredito muito no que ela disse sobre os passarinhos. Ela escondeu um pouco a verdade. Mas quando eu descobrir toda a verdade, vou soltar todos os passarinhos que não são de gaiola.
- A esposa de seu Nicanor, que estava ouvindo a conversa, comentou:
- Mas esse menino é mesmo da pá virada! Tem cada idéia! Como é que você inventa tantas coisas assim, ó menino.
- Desculpe, dona Matilde, mas meu nome é João Pedro. Desculpe de estar falando assim com a senhora, é que esses dias eu quase levei uns tapas por causa de um desses "menino". Eu estava brincando de bola com os meus amigos, quando um deles meteu uma bicuda e a bola quebrou o vidro da casa do vizinho. O filho dele veio de lá e perguntou para um homem que estava perto da gente: "Quem foi que fez isso?" O homem disse: "Foi aquele menino ali" E apontou para o nosso lado. O problema é que havia uns dez meninos. E ele veio para o meu lado, querendo me bater. Eu disse para ele que tinha nome, casa, pai e mãe, e que ele não encostasse a mão em mim! Ainda bem que ele me ouviu. Senão eu ia levar uns tapas ali mesmo. No meio da confusão o autor da bicuda deu no pé. E depois foi a nossa vez, todos juntos... Pergunte se ele alcançou algum de nós?
Encantada, dona Matilde, perguntou:
- E você, João Pedro, tem quantos anos?
- Vou fazer sete anos!
- Sete anos, meu Deus! Com essa idade, no meu tempo, as crianças não tinham essa inteligência toda, não!
E seu Nicanor, já se esquecendo do que estava fazendo, propôs:
- Seu Alcides, deixe este menino passar o dia com a gente. Ele almoça por aqui e à tarde eu levo ele comigo para trabalhar. Para ele vai ser divertido andar de carroça.

O avô não teve como recusar o convite. O problema foi depois convencer a mãe do menino a não buscá-lo.

.....

É preciso esclarecer que a história termina assim, tão de repente, pois esta é uma história *emprestada*. Conheço o João Pedro há muitos anos. Mas não sabia que a sua infância tinha tantas histórias interessantes, até que ele começou a contar uns episódios, ao final do expediente. Eu anotei como pude esta parte da história que acabo de relatar. Como trabalhamos juntos no mesmo jornal, no outro dia mostrei-lhe o rascunho da história. Ele entusiasmou-se tanto que decidiu tornar-se, *ele próprio*, o escritor do resto da história. Nada mais justo.

E como complemento, pois, temos o desfecho da história acima:

"Eu conduzi a carroça, depois de almoçar, brincar com os filhos de seu Nicanor e de conversar com dona Matilde sobre a tal *pá virada* que ela disse que eu era... Imponente na boléia, dei o sinal de partida. O burro, manso e obediente, iniciou a marcha.

Não demorou muito e eu, inquieto, comecei a inventar, gritando para quem quisesse ouvir: - "Olha o frete! Preço de banana! Olha o frete! Preço de banana!"

O bordão deu certo. Um homem acenou logo em seguida para que eu parasse. Parei. Ele perguntou quanto seria o frete para transportar umas *coisinhas suas* para a rodoviária. Eu disse: *umas bananinhas*. O seu Nicanor ficou ali, calado, esperando o resultado da negociação. O homem concordou, pois parecia estar com muita pressa. Negócio fechado, buscamos suas coisas e o levamos para a rodoviária. Ajudei a desembarcar sua bagagem e ele foi cuidar da passagem. Voltou todo satisfeito por saber que não perdera o ônibus. Perguntou novamente quanto era o frete. E eu não tive dúvidas: "Cinco dúzias e meia de banana!" O pobre homem olhou-me desconcertado, sem saber o que responder. Olhou para o seu Nicanor, como a pedir auxílio. Este apenas resmungou: "O negócio é com o menino!" O homem olhou de um lado para o outro, como a procurar alguma coisa, até que achou uma mercearia próxima. E para lá fomos nós. Ele tomou o preço da banana, fez uns cálculos, pechinhou e me pagou. Acabou por levar meia dúzia consigo para comer durante a viagem. E agradeceu ao final, dizendo que aquele tinha sido o melhor negócio de sua vida... Para mim também foi. Seu Nicanor também pensou a mesma coisa, tanto que voltamos para casa em seguida e fizemos

uma festa com todas aquelas bananas. Dona Matilde fez doce, nós comemos, meu avô comeu e eu ainda levei banana para casa, pois precisava provar para minha mãe que, afinal de contas, o seu filho *tinha futuro*...

.....

O João Pedro entregou-me a parte dele da história e afirmou que *não dava muito para a coisa*, que seria sua primeira e última história infantil. No dia seguinte, ao sair para o almoço, passei pela sua mesa e não o encontrei. Não pude, no entanto, me furtar a olhar o que ele estava escrevendo. E descobri para minha alegria (e dos seus futuros leitores) que era *uma história para boi dormir*, literalmente:

"... o menino respondeu com precisão:

- Ora, estou jogando conversa fora. Ou melhor, estou fazendo o boi dormir. O senhor não vive falando da *conversa para boi dormir*??!"

Seu Alcides não acreditou, mas João Pedro continuou tranqüilamente a conversar com o boi, protegido pela cerca de arame farpado. O boi, que ruminava deitado à sombra de uma árvore, com os olhos quase fechados, parecia mesmo cochilar..."

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

O MUNDO NO PAPEL **As implicações conceituais e cognitivas** **da leitura e da escrita**

DAVID R. OLSON
Ática

RESUMO: A partir dos anos 60, historiadores, lingüistas, antropólogos e psicólogos juntaram-se a educadores para explorar o tema da escrita, e a passagem da oralidade para o modo dominante da escrita no mundo ocidental. Este livro analisa o que envolve o aprendizado da leitura e da escrita e as conseqüências de uma cultura que se pauta pelo letramento, além de abordar as instituições e o papel que passam a desempenhar na nossa sociedade.

SUMÁRIO: A escrita sem mitos; Teorias da escrita e da mente; A escrita e as revoluções conceituais da Grécia clássica e da Europa renascentista; O que a escrita representa; o problema da interpretação; uma história da leitura; A leitura do livro da natureza; uma história do discurso escrito; A representação do mundo em mapas; A representação da mente; A escrita e a formação da mente.

Áreas de interesse: Filosofia, História, Lingüística, Letras, Educação.

Palavras-chave: oralidade, escrita, história, comunicação, tradição oral.